

CRONOCENTRISMO: REFLEXÕES SOBRE COMO ENCARAMOS O TEMPO

O hoje é mais importante do que o ontem. E crer nisso nos faz viver na iminência de um *turning point*, o ponto de virada na história. Em linhas gerais, esse é o conceito do cronocentrismo, que coloca o tempo presente no pedestal, em detrimento do passado e do futuro.

MAS SERÁ MESMO
QUE VIVEMOS
NUMA ÉPOCA
MAIS TURBULENTA
E INCERTA DO QUE
ANTES?

Para refletir sobre essa e outras questões, o **KES UPLOAD 2024** convidou três especialistas que nos ajudaram a pensar sobre o cronocentrismo no qual estamos inseridos – ou talvez presos?

Luiz Aloysio Rangel, Carla Tieppo e Morena Mariah nos guiaram neste debate sobre o tempo como memória, história e possibilidade.

Confira os highlights da conversa:

CRONOCENTRISMO: DAS EXPERIÊNCIAS AO LIVRE ARBÍTRIO

[Prof. Dra. Carla Tieppo](#)

Doutora em Neurofarmacologia pelo Instituto de Ciências Biomédicas da USP. É pioneira na aplicação da ciência do cérebro no desenvolvimento humano e organizacional. É CEO e sócia-fundadora da Illumne Consultoria.

Existem experiências e experiências. E elas estão intimamente ligadas ao tipo de memórias que temos e desenvolvemos. Isso tem tudo a ver com as nossas tomadas de decisão. A habilidade de tomar boas decisões é fundamental para o exercício da liderança, para o trabalho em equipe e para o autogerenciamento. Mas você precisa estar (ou é possível estar) no controle de todas elas?

As emoções e memórias que dizem respeito ao que vivemos na pele falam mais alto. Elas integram narrativas muito próximas, que são viscerais para nós, portanto a nossa percepção emocional sobre as experiências que estamos vivendo é mais apurada.

Por outro lado, falar em eventos passados, como a peste negra, por exemplo, uma pandemia que dizimou cerca de 200 milhões de pessoas no século XIV (54% da população mundial à época), ativa memórias semânticas, mas que não têm a ver com um fato vivido necessariamente – é uma memória, portanto, que não tem tempo e nem lugar em nossas vidas.

Por isso, tendemos a encarar a COVID, uma pandemia do nosso tempo (que matou cerca de 35 milhões de pessoas, o que equivale a 0,5% da população mundial), como algo de maior relevância. Isso acontece naturalmente porque o indivíduo tem a percepção de que o tempo passado não é tão importante quanto o tempo que está sendo vivido.

Mas será mesmo? A resposta não precisa ser objetiva. O nosso propósito aqui é outro; é demonstrar por que motivo as memórias daquilo que não vivemos nos parecem menos importantes se comparadas às memórias vividas.

Isso é especialmente verdadeiro no contexto atual, no qual falamos mais sobre os nossos sentimentos e nossas percepções, inclusive de forma online. Está tudo sendo dito o tempo todo; está tudo aflorado.

Achar o hoje mais importante do que o ontem acontece porque nas nossas memórias explícitas — aquelas mais elaboradas e objetivas, e sobre as quais falamos mais naturalmente —, estão as chamadas memórias declarativas, divididas em duas categorias:

• **MEMÓRIA SEMÂNTICA**

Que diz respeito às coisas que conhecemos, sobre o que aprendemos na escola, por exemplo.

• **MEMÓRIA EPISÓDICA**

Diz respeito às coisas que aconteceram conosco em algum espaço de tempo definido nas nossas vidas.

Tudo é processado no hipocampo, no nosso cérebro, mas cada memória vem à tona à sua maneira, com projeções autorreferentes.

Por saber desse funcionamento tão específico das nossas memórias, vale perguntar: será mesmo que o nosso tempo é único? Único se comparado a quê? Será que o tempo que vivemos é uma responsabilização? Será que hoje temos conhecimento para saber que o planeta vai acabar, o que naquela época era apenas uma fantasia?

Agora, sabemos como adotamos comportamentos automáticos ao decidir (muito com base nas nossas memórias episódicas). Por isso, vale tentar construir novos circuitos neurais e mudar comportamentos. Que tal começar a tentar?

CRONOCENTRISMO: DAS EXPERIÊNCIAS AO LIVRE ARBITRÍO

Historiador Luiz Aloysio Rangel

Bacharel e mestre em História Social pela PUC-SP. Há muitos anos desenvolve projetos de design e tecnologia para grandes empresas e nunca deixou de utilizar a ficção científica como inspiração de seus modelos de pensamento.

É possível entender o mundo em que vivemos a partir de obras de ficção científica?

Sim, é possível.

Isso porque ao estarmos amparados em estudos e áreas como a Antropologia, Sociologia e Semiótica, além da própria História, podemos pensar na contemporaneidade a partir de livros e filmes de ficção científica. E o resultado disso está no livro História e ficção científica - Locomotivas, androides e outras viagens do metaverso.

Foram analisadas obras desse gênero na ideia de mostrar como elas podem ir além do entretenimento nas nossas vidas. A partir dessa perspectiva, a proposição é: essas obras nos ajudam, sim, a contar sobre o processo de formação do nosso mundo contemporâneo. Mas como?

Vejam os: as ficções científicas evidenciam preocupações, desejos e angústias das pessoas em diferentes momentos da história. Não é à toa que, em muitos casos, o futuro é tratado como distópico, um lugar onde uma hora a preocupação é a água, a energia, ou a engenharia genética, por exemplo.

Isso mostra como as pessoas pensavam e se relacionavam com os artefatos e conhecimentos típicos de suas épocas. **A ficção científica, mesmo de forma não intencional, nos diz como as pessoas viviam na época em que essas produções foram criadas.** É por isso que o tema pode se relacionar ao cronocentrismo. Porque as pessoas, mesmo na tentativa de prever o futuro, estão presas ao seu próprio tempo — e às ferramentas disponíveis nesse momento histórico.

Vejam os: em *Minority Report*, os sistemas tecnológicos estão tão avançados que os investigadores controlam ameaças em telas que se materializam diante deles. Futuro impossível? Hoje, o Apple Vision Pro já produz o mesmo efeito na casa das pessoas. A inteligência artificial vista em *Eu, Robô*, ou próteses mecânicas perfeitas, como em *Exterminador do Futuro*, hoje são realidades concretas — e em certa medida acessíveis.

Os desejos e necessidades previstos e criados na ficção científica se tornam eventuais realidades. E isso se deve também ao próprio cientificismo em torno dessas obras. A ciência, mais do que o materialismo e o próprio espiritualismo, nos dá respostas precisas. E nos apoiamos nesse pensamento para imaginar o amanhã.

Por isso, vale dizer, que somos nós os responsáveis pelo nosso destino. Somos nós que imaginamos e construímos o amanhã. E para pensarmos juntos na ficção científica nas nossas vidas, deixo uma frase do escritor e roteirista Ray Bradbury:

“Não escrevo para prever o futuro, mas sim para evitá-lo.”

E O FUTURO?

“SEM A CONSCIÊNCIA NÃO EXISTEM NOVOS FUTUROS, SOMENTE A REPETIÇÃO DE VELHOS PASSADOS.

— Letícia Setembro, futurista e mediadora do KES

AFROFUTURISMO

Morena Mariah

Ela é mãe da Ayó, fundadora do negócio de impacto social Afrofuturo, uma edtech voltada ao ensino de história e cultura africana a partir do afrofuturismo. Especialista em Afrofuturismo, Estudos Culturais e Estudos de Mídia.

Como será o futuro daqui a 100 anos? Será que conseguimos imaginar isso estando presos às questões do presente?

Quem consegue imaginar pessoas negras vivendo tranquilamente daqui a 100 anos?

Quem seriam brancos e negros se ainda estivéssemos no tempo da escravidão?

O questionamento convida todos a darem um passo atrás e pensar no passado, na escravidão. Na escola, foi ensinado que a escravidão sequestrou o povo negro, que foi utilizado como mão de obra no processo civilizatório nas Américas. Essa história, no entanto, incomoda muitas pessoas negras. Por que, afinal, pensamos nessa etnia como mercadoria? E dessa questão, podemos escolher seguir uma perspectiva histórica capaz de humanizar essa população.

A pesquisadora Marimba Ani, por exemplo, desenvolveu um conceito chamado “maafa”, que significa “o grande desastre”. Para Ani, o processo de escravização foi um holocausto, um processo de ruptura na vida das pessoas negras.

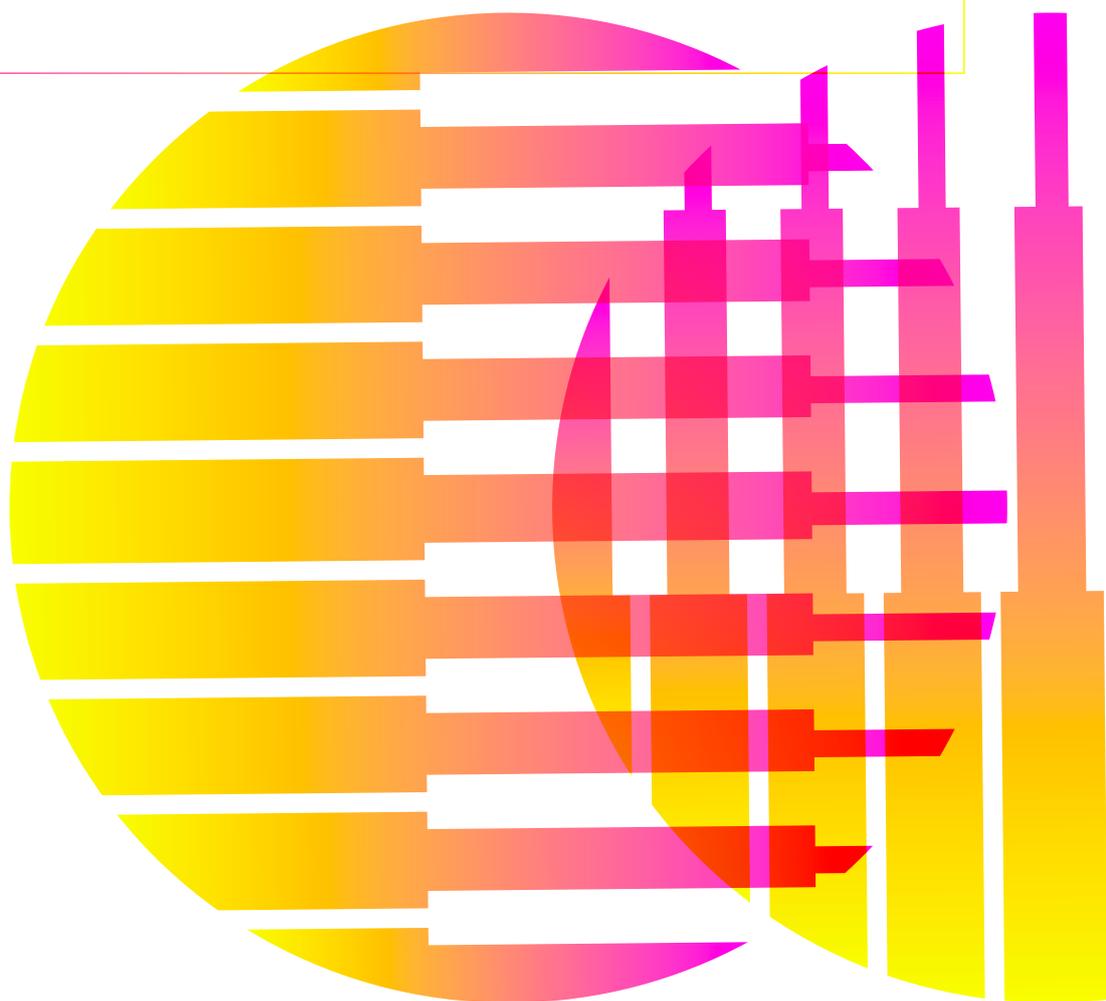
Ao considerar essa teoria, entendemos que pessoas negras não foram mão de obra. Elas tiveram, sim, suas vidas interrompidas pelo processo de escravização – o que tem grandes consequências até hoje. E olhar para o passado, também nos faz questionar o futuro. Será que lá na frente esse mal estar pode acabar?

Nesse contexto, a futurologia é capaz de entender os desafios do presente para imaginar e desenvolver o futuro que queremos viver. E esse futuro não está há um século na nossa frente. Ele vai acontecer daqui dez, trinta anos. Quando as crianças negras de hoje forem adultas.

**A GENTE SÓ PODE FALAR DO FUTURO AO
SABER DE ONDE VIEMOS.**

KES UPLOAD

A filosofia Sankofa ensina isso. Desse pensamento de um povo africano, aprendemos que nunca é tarde para voltarmos atrás e recuperar o que ficou. São, então, as memórias de um povo que me ajudam a saber o futuro que todos desejamos viver.



SPONSORS



WWW.KESDO

